

# “Uma realidade de quem a vive”

“A realidade insular a que todos os profissionais de saúde estão expostos, pelo contexto arquipelágico que se vivencia nos Açores, é uma realidade diferente, daquela a que a maioria dos profissionais, estão habituados a lidar”

**ENFERMEIRO TIAGO SOUSA**  
UNIDADE DE SAÚDE DA ILHA DE SANTA MARIA

A realidade insular a que todos os profissionais de saúde estão expostos, pelo contexto arquipelágico que se vivencia nos Açores, é uma realidade diferente, daquela a que a maioria dos profissionais, estão habituados a lidar. São temas de discussão: os recursos limitados; as práticas rotineiras imbuídas no dia a dia por falta de rotatividade disciplinar e motivação profissional; as ligações afetuosas, com repercussão a nível profissional; anarquias institucionais; entre outros.

É com base nisto, que se fala em Enfermagem e qualidade dos cuidados. Existe a ideia de que bons cuidados, são aqueles que utilizam recursos diferenciados, o que não é, totalmente, verdade. Bons cuidados, são aqueles que baseados na evidência científica, procuram satisfazer de forma total, as necessidades de cada utente. Isto faz acreditar, que nos Açores, os cuidados, não só podem, como devem ser de qualidade.

É indiscutível que o dito “olho clínico” sob os utentes é diferente, obriga a que haja mais atenção a sinais/sintomas, pela ausência de exames complementares de diagnóstico e recursos diferenciados.

Várias pessoas questionam-me como é ser Enfermeiro numa “ilha pequena”? A resposta é simples, se por um lado devia haver um ambiente de ajuda e união entre colegas, com a procura da excelência pela prática profes-



**“É indiscutível que o dito “olho clínico” sob os utentes é diferente, obriga a que haja mais atenção a sinais/sintomas, pela ausência de exames complementares de diagnóstico e recursos diferenciados”**

sional, acontece quase o contrário, rivalidade entre serviços e colegas, como se algum fosse mais importante do que o outro.

Existe ainda a realidade dos utentes insatisfeitos com o atendimento e prestação de cuidados em saúde. Recordo-me duma utente, que quer mudar

de médico de família porque sente-se insatisfeita. Tendo ela esse direito, assim como o direito à segunda opinião, não o faz pelo meio ser pequeno. Ambos trabalham na mesma instituição, o que leva a utente a ter medo de ser discriminada pelo médico, ou até destrocada perante os colegas ou utentes.

Acrescenta-se também, o exemplo desta época pandémica, na qual a escassez da resposta por parte dos serviços de

saúde, são uma preocupação, porque se agora existe um novo vírus, desde há muito tempo existem patologias que necessitam de intervenção e acompanhamento sistémico, o que ficou (talvez) “esquecido”, como referem os utentes, sobretudo por parte daqueles que vivem nas “ilhas pequenas”. Sendo esta, uma realidade à parte, do que a maioria das pessoas estão habituadas a (con)viver. ♦